

Até já, Lua.

Hoje, olhei a lua. Não a vi, somente a olhei. Era Lua Nova, daí a minha impossibilidade de a observar a bons olhos. Ironicamente, a noite exibiu uma Lua Nova e uns parques pontinhos de luz no seio de um céu inusitadamente sombrio. Diz-se, por entre os esotéricos, que, magicamente falando, esta é uma fase de revitalização e renovação, de encerramento de algumas portas e descoberta de outras tantas. Ceticismo à margem, talvez o seja, de facto.

Contaram-me que, aquando da Lua Nova, esse astro, a Terra e o Sol se alinhavam perfeitamente, numa sintonia tão sublime e inequívoca que a face visível da Lua não poderia ser, de modo algum, iluminada. Engraçado como hoje, sendo talvez a minha última passagem por esta escola enquanto aluna que sou, a noite, para mim, ficou ainda mais escura do que a já conheço. Os cétricos chamar-lhe-iam mera coincidência, ao passo que os esotéricos apenas diriam uma palavra – Fado, o inelutável destino de cada um. Independentemente das ideologias que mais se adaptam às peculiares convicções e aos característicos valores de cada um, não posso negar que, hoje, a Lua materializa integralmente o meu estado de espírito. Escuro. Obscuro, aliás.

Longe vai a saudosa Lua Cheia que iluminava as noites que antecediam as minhas vindas para esta escola. Era uma Lua cheia, efetivamente, mas não somente da luz que provinha do Sol. Era cheia, sim, porque estava atulhada da amizade, do companheirismo, lealdade, conhecimento e solidariedade que diariamente observei e presenciei aqui. Nunca me faltaram com nada, não querendo com isto dizer que nunca aqui me disseram um “NÃO” - antes pelo contrário! Negaram-me várias vezes, mas foram rejeições de que eu precisava naquele exato momento e naquele exato local, para que com isso aprendesse a lidar com a vida – afinal de contas, a vida não é feita de “sins”. Esta é, sem dúvida, uma escola que fez muito por mim - por nós, aliás. Basta pensar que é precisamente por ela, e graças a ela, que aqui estamos hoje, após sermos bem-sucedidos no término do ensino secundário. Uma escola familiar cujas paredes, ainda que imóveis e silenciosas, têm tanto para contar. Paredes carregadas da herança que os milhares de alunos, professores, funcionários e outros intervenientes que não merecem ser desacreditados, foram aqui deixando. Cada um largou a sua marca que permitiu acrescentar mais umas quantas linhas à história desta escola – e quantas linhas não já lá vão! Uma marca pessoal e personalizada que jamais algum outro poderia deixar.

Tal como nos informa o tão afamado *slogan*, aqui não se formam somente engenheiros, médicos, professores, jardineiros ou cozinheiros; formam-se identidades! Afinal de contas, não seremos nós bem mais do que a profissão que temos ou o papel mais ou menos fundamental que desempenhamos na sociedade? Somos, sim! Somos pessoas. E ainda que não possamos, com clareza, definir esse tão ignoto conceito de ser pessoa, podemos ensinar a sê-lo! E é isso que discerne esta de tantas outras escolas que possamos, eventualmente, querer comparar. Ensinar a ser é o maior e melhor ensinamento que nos podem fornecer! Aqui, asseguro que fazem aflorar a identidade de cada um de nós, orientando-a no caminho acertado, fazendo-nos sempre acreditar que valemos exatamente aquilo que valemos, e nunca menos que isso.

Hoje, a minha Lua é Nova, tal como é a de todos os que aqui estão presentes. Basta ir lá fora e constatar. Por isso, a noite ficou mais escura. Depois de ter atingido o auge da Lua Cheia, repito, a noite ficou mais escura. Escureceu porque é chegada a hora do “adeus”.

Invariavelmente, o Sol nasce! Encarrega-se pessoalmente de nos iluminar o novo caminho. Ilumina-o mal, talvez. A sua luz cega-nos demasiado e faz desmerecer as pequenas sinuosidades do caminho que ele nos mostra. Incauto Sol, porque nos fascinas pelo novo, mas não nos mostras toda a verdade! Poderosa Lua, porque nos remetes sempre para o que já lá vai, para que não nos esqueçamos dos enganos desse imprevidente Sol, nem tampouco nos esqueçamos de todos aqueles que fizeram alguma coisa por nós, por mais pequena ou insignificante que fosse.

Não tarda escurece novamente, e lá vem ela, magnificente e majestosa, a Lua! A velha sábia que nunca me deixará esquecer aquilo que aqui vivi. E é por isso que levarei sempre comigo esta escola, porque, quando me desiludir com o futuro que o Sol fez vislumbrar brilhante, lá estará a Lua para me lembrar de tudo aquilo que aqui aprendi e, acima de tudo, de tudo aquilo que aqui me ensinaram. Cada rosto, cada olhar indiscreto, cada palavra oportuna, cada toque de carinho, virá até mim todos os dias. Basta que a lua nasça!

As despedidas representam não apenas a partida do velho, mas a chegada do novo. Portanto, agora, só preciso de encontrar o meu Norte, porque o Poente tê-lo-ei sempre que o Sol se puser e a Lua, do lado oposto, nascer.

Amanhã também é dia! Até já, Lua.